

***Helena e A Ponte dos Noivos: páginas moralizantes na província do Grão-Pará***  
***Helena and A Ponte dos Noivos: moralizing pages in the Grão-Pará province***

Jeniffer Yara Jesus da Silva<sup>1</sup>

Márcia do Socorro da Silva Pinheiro<sup>2</sup>

Universidade Federal do Pará

**Resumo:** As narrativas *Helena* (1867) e *A ponte dos Noivos* (1872), ambas sem autoria reconhecida, publicadas no periódico *Jornal do Pará* (1862-1878), na segunda metade do século XIX, apresentavam em seu conteúdo a temática da moral e boa conduta. Em razão disso, este trabalho investiga como era representado o discurso moralizante nas narrativas em questão, assim, tal análise demonstrará que a literatura brasileira não foi construída apenas pelos literatos que fazem parte do cânone, mas também por um grupo de escritores que começam a ser estudados recentemente. Para tanto, será evidenciado a forma que o discurso moralizante era apresentado nas narrativas publicadas no *Jornal do Pará*, de acordo com o contexto da época, com base nos ideais de civilização, e considerando o papel delegado às mulheres, como por exemplo, o papel de boa filha, boa esposa e boa mãe. Será apresentado também o contexto da formação e consolidação da imprensa periódica como aliada da divulgação da prosa de ficção no século XIX brasileiro.

**Palavras-chave:** Jornal do Pará; Século XIX; Helena; A Ponte dos Noivos.

**Abstract:** The narratives *Helena* (1867) and *A ponte dos Noivos* (1872), both without known authorship, published in the periodical *Jornal do Pará* (1862-1878), in the second half of the 19<sup>th</sup> century, presented in their content the themes of morality and good conduct. Because of that, this essay researches how the moralizing speech was represented in the narratives in question, thus, such analysis will demonstrate that Brazilian literature was not only constructed by the literati of the canon, but also by a group of writers who began to be studied recently. To do so, it will be emphasized the way that the moralizing discourse was presented in the narratives published in the *Jornal do Pará*, according to the context of the time, based on the ideals of civilization, and considering the role delegated to women, such as the one of a good daughter, a good wife and a good mother. It will also be presented the context of the formation and consolidation of the periodical press as an ally of the dissemination of prose fiction in the 19<sup>th</sup> century in Brazil.

**Key-words:** Jornal do Pará, XIX Century; Helena; A Ponte dos Noivos.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2016). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Belém do século XIX, prosa de ficção, romance, periódicos religiosos e século XIX. E-mail: jeniffer.yara@gmail.com

<sup>2</sup> Possui graduação em Letras (habilitação em Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestre em Letras - Estudos Literários pela mesma instituição. Atualmente é doutoranda em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará. Foi ainda, bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foi bolsista de Apoio Técnico pelo Projeto "Memórias em periódicos a constituição de um acervo literário", também foi bolsista de Iniciação Científica (PIBIC - CNPq), pelo projeto "Memórias em periódicos a constituição de um acervo literário" com o plano de trabalho "Romances folhetins na Belém do século XIX", sob a orientação da Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales. Participou como voluntária no projeto "Trajetória literária: a constituição da história cultural em Belém no século XIX" com o plano de trabalho "Páginas Garretianas, a trajetória do romance na Belém oitocentista", orientado pela Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales. E-mail: marciasp23@gmail.com

Recebido em 24 de novembro de 2017  
Aceito em 11 de janeiro de 2018

## Introdução

O *Jornal do Pará* (1862-1878) foi um periódico conservador, esteve relacionado às questões de cunho político e teve grande repercussão na imprensa paraense na segunda metade do século XIX. O primeiro número do jornal foi publicado em 04 de novembro de 1862, no entanto, as primeiras publicações de prosa de ficção começaram a partir do dia 29 de maio de 1867, na edição nº 123, com a publicação da novela *Helena*. Podemos mencionar como hipótese de uma possível demora nas publicações de prosa de ficção, o periódico ter pertencido a uma linha antiliberal, pois suas colunas eram permeadas de narrativas informativas, avisos de reuniões políticas, avisos marítimos.

A leitura dos escritos ficcionais publicados no *Jornal do Pará* demonstra que um dos principais critérios de avaliação das narrativas que circularam no periódico pesquisado era a abordagem de conteúdo moralizante. Desse modo, o que investigamos está relacionado com a intenção de delimitar os aspectos ideológicos que contribuíram para criar um ponto de vista peculiar na prosa de ficção divulgada no jornal, uma vez que era o momento da consolidação do gênero romance no Brasil.

A escolha da produção sem autoria reconhecida deve-se ao fato dessas narrativas apresentarem em seu conteúdo a descrição de práticas, hábitos e costumes da sociedade, com a tentativa de expressar padrões moralizantes. Nas colunas que compunham o jornal circularam 85 narrativas de diversos gêneros, como: 64 contos, 12 crônicas, 5 romances e 2 novelas. Em relação à autoria, existem 29 narrativas com autoria identificada e 56 títulos sem autoria reconhecida, sendo assim, dos escritos que circularam nas colunas do *Jornal do Pará*, são de interesse desse trabalho as prosas de ficção de autoria não reconhecida<sup>3</sup>, com o recorte mais precisamente em *A Ponte dos Noivos*<sup>4</sup> e *Helena*<sup>5</sup>. Desse modo, o objetivo deste artigo é analisar de qual maneira a temática moralizante foi apresentada nas narrativas mencionadas.

---

<sup>3</sup> Informações retiradas da tabela construída pela pesquisa de Patrícia Carvalho Martins.

<sup>4</sup> Publicado na coluna *Litteratura*.

<sup>5</sup> Publicado na coluna *Variedades*.

Vários foram os motivos<sup>6</sup>, durante o século XIX, que fizeram com que os escritores utilizassem o anonimato como estratégia para publicação de seus escritos. Em relação ao motivo da escolha de narrativas sem autoria reconhecida deve ser mencionado que, apesar de aparentemente sem relevância, as obras publicadas têm valor significativo para entendermos o que era lido no século XIX e assim compreendermos o contexto histórico paraense.

Tania Regina de Luca (2011, p. 116) postula que sempre será difícil sabermos quais influências ocultas exerciam-se num determinado momento sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade ou qual a pressão exercida pelo governo, uma vez que é relevante a verificação das relações existentes entre instituições políticas, grupos econômicos e financeiros, aspectos que continuavam negligenciados pelos pesquisadores que recorriam à imprensa.

Ao discorrer sobre a temática, Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (2004, p, 25) afirma que é inegável a importância da relação entre jornais, folhetins e história da literatura, assim, confirma a necessidade da análise dos pontos de contato e influências entre a imprensa brasileira e a literatura do século XIX. Identificadas ou não, as prosas de ficção que circularam no *Jornal do Pará* tiveram público cativo, pois as publicações eram constantes nas colunas do periódico em questão.

### **1. Prosa ficcional e conduta moralizante**

O enfoque na leitura das narrativas compiladas indica que a abordagem da moralidade nas narrativas foi um dos critérios importantes na análise de narrativas ficcionais estrangeiras e nacionais na época. Esse enfoque na análise da moral relaciona-se com o processo de ascensão do gênero romance na Europa, o qual foi marcado por discussões acerca da pertinência da leitura de ficção, muitas das quais se centravam na denúncia da imoralidade das narrativas como forma de condenar sua

---

<sup>6</sup> Na busca de apresentarmos as considerações que envolvem a relação entre a literatura divulgada pelos impressos no século XIX, cabe trazer algumas explicações acerca sobre o conceito de literatura, até mesmo para evitar interpretações anacrônicas da expressão em questão, portanto é importante esclarecer que em relação ao conceito de literatura o termo não teve sempre o mesmo sentido e nem sempre foi semelhante ao que, atualmente, convencionamos classificar como literário. Isso implica trazer ao presente as preferências e referências literárias a partir do presente de sua enunciação e não apenas da perspectiva do cânone, construído a *posteriore*, pois a rigor, até o fim do século XIX o que parece ser Literatura são textos que mantêm a perspectiva horaciana de instruir e deleitar. (BARBOSA, 2007, p, 27, grifos do autor).

leitura e na defesa de seu conteúdo moralizante como estratégia para exaltar o gênero romance.

A partir das proposições mencionadas, cabem os seguintes questionamentos: quais os valores pedagógico-morais atribuídos a essas narrativas? Qual a eficácia moralizadora e onde estão os artifícios que podem ser entendidos como exemplos de boa conduta? Para que tipos de comportamento esses valores podem conduzir o leitor? Pois era no âmbito familiar que a normatização, sobretudo em relação ao público feminino, alcançava seu ápice.

Cabe mencionar que nas tramas apresentadas no periódico analisado, são sempre as personagens femininas que se envolvem em situações que atentariam contra sua honra e decoro, como por exemplo, a ociosidade, a perda de tempo com leituras não edificantes, pois a mulher que se oculta das vistas masculinas ou encobre seus traços femininos, faria com que não houvesse motivos para o surgimento de paixões.

Diante das postulações mencionadas, entendemos que alguns escritores lançavam mão de valores morais, como bem e mal, para julgar ações e obras humanas praticadas pelas personagens. Essa era uma forma de instruir os leitores a partir do discurso pedagógico-moral que era costume no século XIX.

Quanto à temática, algumas narrativas do *Jornal do Pará* podem ser enquadradas no que Marlyse Meyer denominou de “terceira fase do folhetim”, na qual predomina a mulher “vítima, prostituta, deflorada, seduzida, abandonada, fatal, mãe solteira” Meyer (1996, p. 206). Mas também há a incorporação do sofrimento no que se refere ao amor interrompido pela morte. O diferencial desse periódico está nas discussões inseridas nas narrativas, que tratam de temáticas moralizantes e pregam modelos a serem seguidos pelas possíveis leitoras do periódico.

## **2. A Ponte dos Noivos: a morte como punição para o desvio de conduta**

A *Ponte dos Noivos* foi publicada em quatro capítulos, na coluna intitulada *Variedade* no ano de 1867 no *Jornal do Pará*. É uma narrativa que apresenta as temáticas inerentes aos escritos que circulavam na coluna *Folhetim*, como amor, traição, desejo e ciúmes, no entanto a perspectiva com a qual trataremos o *corpus* está encaixada nas temáticas dos valores morais e religiosos.

O narrador em terceira pessoa descreve a história da personagem Agatina, que vive com a família em um vilarejo simples. Apesar de ser descrita como uma jovem

humilde é também descrita como quem vê no casamento a possibilidade de ter uma vida diferente. A camponesa, apesar de ser prometida ao noivo escolhido pela família, apaixona-se pelo jovem Lourenço. A moça desfaz o compromisso com o escolhido por sua família, e acometida pela paixão, apresenta seu “amante” aos moradores do vilarejo.

A jovem personagem e o ilustre herdeiro se conhecem, a partir disso, Agatina aceita as investidas do jovem Calbert, e escolhe outro noivo, fato que denota uma espécie de afronta aos costumes da época, e principalmente, à sociedade patriarcal, uma vez que havia submissão da mulher em relação à figura masculina.

O casamento com o novo noivo foi marcado, mas o que a personagem da narrativa não suspeitava é que seu casamento não se realizaria, pois nesse dia, o noivo prometido retorna de uma viagem de negócios e descobre que não tinha mais noiva e que naquele dia aconteceria o casamento de sua ex-noiva e seu novo pretendente, Lourenço. O noivo enganado exige explicações e em um momento de desespero atira-se de uma ponte, mas antes disso abraça a ex-noiva e a leva para o fundo do precipício.

Os personagens da obra *A Ponte dos Noivos* certamente não têm outro tipo de existência senão a ficcional, no entanto, devemos considerar a hipótese que, na trama ficcional é demonstrado que o ser humano poderia sofrer dos piores males, se estivesse motivado pelo sentimento da paixão, pois esse é um sentimento que surge de forma impura, e pode conduzir a sua vítima a um fim trágico. A paixão poderia enganar até os indivíduos mais puros, isso porque os desejos mais íntimos do ser humano deveriam ser evitados. Vale mencionar que se poderia trazer tanto prejuízo às pessoas mais honestas quanto às pessoas dadas aos vícios, uma vez que o arquétipo predeterminado da personagem feminina era apresentado da seguinte maneira:

Agatina era uma pobre zagala, filha de um guardador de gado do rico proprietário de Lavagna, mas de certo era bonita: que digo eu? Linda sobre todas as raparigas, mais branca que a neve dos Alpes, e fresca como o botão da rosa aberta ao orvalho da manhã. Mas aí! De que servem as graças exteriores sem as qualidades da alma? São uma funesta vantagem para quem as possui, e funestas para quem delas se deixa apaixonar. Nada estava menos em harmonia com a linda figura; de Agatina do que seu coração; caprichosa como a mais abastada e altiva senhora, a pobre aldeã não sonhava senão com quimeras, e não suspirava senão por uma grande fortuna. O seu maior cuidado consistia em vestir-se e enfeitar-se com mais esmero e vaidade que permitia o seu estado: levava horas a mirar-se nas águas da fonte a arranjar uma flor mais graciosamente entre os seus cabelos negros e lustrosos como o ébano: assentava-se sobre os valizados á borda da estrada para ouvir os elogios dos passageiros; cantava quantas cançonetas lhe vinham á memória, porque bem conhecia quanto a; sua voz era doce e suave, e que todos os rendeiros, e viajantes paravam para ouvir (JORNAL DO PARÁ, 1867, p. 03).

As proposições acima demonstram que a narrativa parece ter servido como um guia de conduta para as jovens leitoras dos impressos. Vale salientar que o enredo destoa das narrativas religiosas ou de narrativas que dispunham em seu conteúdo personagens que eram considerados exemplos de boa conduta, pois em *A Ponte dos Noivos*, o leitor conhece os exemplos de condutas não virtuosas.

Na narrativa analisada, o amor não é rejeitado, mas a jovem paga com a própria vida e após a morte não tem o direito de ser sepultada no cemitério oficial da cidade: “depois que abaixou a cheia, retiraram os dois cadáveres da torrente, estavam ainda estreitamente abraçados, e assim foram sepultados em um lugar solitário fora do cemitério público” (JORNAL DO PARÁ, 1867, p. 2).

Como supomos que o público do folhetim era, em sua maioria, formado por moças casadoiras, os temas tratados eram geralmente o amor e o casamento, dessa forma, uma série de preceitos morais são anunciados no discurso do que foi publicado no jornal, pois a sociedade do século XIX era apoiada em bases religiosas cristãs, em que a família era do tipo patriarcal, na qual as mulheres da época eram responsáveis pelos serviços domésticos, pela reprodução e a educação dos filhos. O caráter moralizante apresentado conduzia o público a crer na possibilidade de extrair serventia ou alguma lição útil trazida pela obra.

De certa forma, aos papéis assumidos pelo jornal e por seus editores estava o de educador, visto que existia a missão de suprir a falta de escolas e de certa forma também os livros, assim tal procedimento acontecia por meio dos escritos jornalísticos. As proposições de Marlyse Meyer confirmam nossas afirmações:

Uma análise sucinta dessa produção comprova a difusão homogênea de um mundo conservador, exposta através de determinados romances temáticos divulgadores de um seleto grupo de valores sentimentais, morais, sociais, religiosos, patrióticos, históricos e políticos, e filosóficos. Tais romances reiteram uma rede de sintagmas voltados para a Pátria/Região (passado e presente, alma e terra), a Moral (dever, justiça, honestidade, pureza, bondade e simplicidade) e a Religião (fé, caridade, e amor incondicional). O “bem vence o mal”, “A virtude e o amor triunfam”, “A luxúria e ostentação são castigadas” (MEYER, 1996, p. 343).

No que envolve a sociedade do século XIX, a história das mulheres está marcada pelo estabelecimento da ordem patriarcal. Desde a infância as mulheres eram ensinadas a serem mães e esposas, para isso sua educação limitava-se em aprender a cozinhar, bordar, costurar, enfim, realizar tarefas estritamente domésticas. No século XIX, em

meio às transformações decorrentes, sobretudo da industrialização, ideias civilizadoras foram fomentadas por grupos sociais, que idealizavam a educação e religião como estratégias na formação de uma nova classe social, e com isso imporiam um comportamento social individual e coletivamente aceitável.

Diante disso, o sistema patriarcal legitimado ao longo da história pela religião cristã é responsável, em grande parte, pelas práticas sociais que naturalizavam o papel da mulher. Não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade, pois as mulheres tiveram que aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada, e certamente, a ajuda do jornal como objeto propagador de ficção com peculiaridades moralizantes era importante para época em questão.

O casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do *status* (ainda que romances alentassem, muitas vezes, uniões **por amor**). Mulheres casadas ganhavam uma nova função: contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral, como esposas modelares e boas mães (D'INCÃO, 1997, p. 223).

A máscara social será um índice das contradições profundas da sociedade burguesa e capitalista. Em função da repressão dos sentimentos, o amor vai restringir-se à idealização da alma e à supressão do corpo. A mulher é vista como um dos personagens fundamentais, pois na maioria das vezes, é representada exatamente dentro dos moldes de uma nova ordem social advinda da ascensão da burguesia.

O ideal de amor era o conjugal, monogamia e pureza ajudavam a sustentar a finalidade última do amor, o casamento. Geralmente, o casamento se dava por razões de família, segurança monetária ou ascensão social, uma vez que a representação da figura feminina era modelada pelas relações sociais de poder e pelas práticas discursivas, as quais, entrelaçadas, construía para as mulheres suas funções na sociedade. Como confirma Mary Del Priore:

Na bagagem da chegada ao Novo Mundo, os portugueses trazem sua forma de vivenciar o amor. As tradições portuguesas e europeias, em geral, aportam na colônia [...] vale a pena lembrar ao leitor algumas das características que marcaram as relações sociais e amorosas: a colonização consistiu em uma verdadeira cruzada espiritual que tinha por objetivo regulamentar o cotidiano das pessoas pela orientação ética, pela catequese e pela educação espiritual (DEL PRIORE, 2012, p. 22).

A disciplina relacionada a questões morais é uma constante na literatura quando busca retratar mulheres. Isso ocorre devido à contextualização das narrativas em uma sociedade patriarcal que predomina a ideia de mulheres submissas aos desejos masculinos. Exemplo desse comportamento aparece na narrativa *A Ponte dos Noivos*:

Agatina era um pobre zagala, filha de um guardador de gado do rico proprietário de Lavagna, mas de certo era bonita: que digo eu? Linda sobre todas as raparigas, mais branca que a neve dos Alpes, e fresca como o botão de rosa aberta ao orvalho da manhã. Mas ai! De que servem as graças exteriores sem as qualidades da alma? (JORNAL DO PARÁ, 1867, p. 3).

O narrador apresenta indícios relacionados ao caráter moral de Agatina. Esse episódio ilustra que qualquer manifestação feminina que se desviasse dos padrões pré-estabelecidos pela sociedade patriarcal era vista com maus olhos, pois de acordo com Priore (1997), a mulher aparece nas relações da chamada família patriarcal restrita apenas ao ambiente doméstico. A sociedade esperava da mulher um comportamento ideal, com uma educação cuidadosa, além da responsabilidade pela reprodução e da função de mãe.

O estalajadeiro calou-se por; um instante, pára enxugar as lagrimas, que rebentavam de seus olhos: eu também fiquei em silencio, respeitam do/o generoso sentimento que lhe fazia interromper sua narração, por mais encantado que eu estivesse da sua maneira franca e enérgica de contar: era o seu coração que falava, e é só dele que nasce a verdadeira eloquência. Em fim ele tomou de novo o fio de suas ideias, dizendo-me "Perdoai-me esta fraqueza; o que tendes a ouvir e bem capaz de a justificar. (JORNAL DO PARÁ, 1867, edição 143, p.2).

Esta era uma das estratégias para captar a atenção dos leitores e valorizar a nova forma de ficção que chegava ao mercado. Assim, os autores e editores de prosa de ficção procuravam assemelhar suas publicações a uma prescrição de conduta que incitaria o leitor a se identificar com os procedimentos morais das personagens, cujas ações fossem inspiradas pela virtude. O caráter moralizante apresentado conduzia o público a crer na possibilidade de extrair serventia ou alguma lição útil da obra.

A narrativa analisada apresenta o que era considerado condenável, e é demonstrado no conteúdo da obra o que poderá ser estratégia moralizante, pois na concepção de Márcia Abreu esta era uma forma de conduzir o ser humano à boa conduta:



A ideia moralizadora pela leitura promovida pelos religiosos parte de pressuposto exatamente contrários aos dos romances. Os textos cristãos propõem modelos positivos de virtude por meio da narração de vidas de santos e de fatos bíblicos, nos quais se pode conhecer a trajetória de homens e mulheres que não pecam, que cumprem os mandamentos, que temem a Deus [...] os romances também se dizem preocupados com a moral, mas a atingem pelo caminho oposto, mostrando pessoas que erram, que se corrompem, que são fracas diante do vício. Narram essas histórias do ponto de vista de quem as condena, mas ao narrá-las põem os leitores em contato com o pecado. Isso já constitui um grave problema: narrar abertamente situações de imoralidade e pecado, permitindo que o leitor se imagine na mesma situação (ABREU, 2003, p. 270-271).

A moralidade aparecia se não como critério de valor da obra, pelo menos como algo que deveria ser mencionado, como um indicativo do merecimento de leitura, pois o crivo da moral era o critério importante nas circulações de narrativas no século XIX. Assim cabe analisar se a temática do texto ficcional seria moralizante ao público leitor, como no fragmento que será mencionado em seguida, o qual demonstrará que a personagem estaria longe de apresentar um comportamento exemplar, uma vez que trocou o noivo a quem era prometida por um novo pretendente. Esse tipo de comportamento não era adequado aos padrões morais no século XIX:

Rinzo, sempre correndo conseguiu chegar à entrada da ponte no mesmo momento em que a pérfida moça a atravessava. Vendo-o ela soltou um grito de espanto, e quis retroceder; mas Lourenço arremeçou-lhe aos pés, segurando-a pelo vestido. O pai, e vizinhos que a acompanhavam ficarão imóveis e aterrados sem proferir uma palavra [...]—Socorro! Socorro! Gritava Agatina... Correm todos para salvá-la. Mas era já tarde: a ação de Rinzo foi rápida como o raio, ambos rolavam já pelos ares, e sentiu-se logo o baque no fundo do precipício. (JORNAL DO PARÁ, 1867, edição 146, p. 2).

Nesse sentido, podemos mencionar que de certa forma, a temática moralizadora seria um objetivo perseguido pelo autor, porém, vale salientar que esse não seria resultado de uma predisposição pessoal do escritor, mas sim de convenções acerca do que deveria ser retratado nas páginas de ficção naquele momento histórico, e em relação ao periódico paraense um motivo para que as narrativas fossem publicadas nas colunas do jornal, já que o relevante não seria a menção de autoria, mas sim, o conteúdo.

Mary Del Priore, (2012, p. 23) menciona que: “apesar da população dispersa, a política da metrópole sempre foi de incentivar o casamento e de enfraquecer os mecanismos que criassem qualquer dificuldade para o casamento.” Na perspectiva da Igreja católica não era por amor que os cônjuges deveriam casar, mas sim pelo dever conjugal.

De certa forma havia uma preocupação quanto à influência dessa prosa de ficção na vida das leitoras, para afastar as preocupações daqueles que temiam pelo desvio da boa educação feminina, as narrativas deveriam conter ensinamentos moralizantes, principalmente ao público feminino, tido como o mais propenso às influências exercidas pelas más leituras.

### 3. *Helena: vingança e moralização*

Na narrativa *Helena*, a obra é ambientada na cidade de Paris e apresenta a história da condessa Helena de Champvallon, personagem que vê seu cotidiano tranquilo de boa esposa e dama elegante da sociedade francesa ameaçado por cartas e visitas indesejáveis de um cavalheiro chamado Alberto Villiers, que se apresentava como suposto amante da condessa. No decorrer da trama, Helena de Champvallon alega não conhecer o mencionado senhor, mas este a persegue pelos lugares, e afirma que ambos são amantes.

No decorrer da obra, a personagem conhecerá segredos do seu passado, como por exemplo, o surgimento de uma irmã gêmea que tem o mesmo prenome da condessa, mas sobrenome diferente. A partir do conhecimento da existência da irmã, a condessa descobre que o senhor Villiers na verdade era amante de Helena Guidon.

Ao ser apresentada a história da personagem que dá nome à Novela<sup>7</sup>, a jovem é descrita como o ideal de boa conduta para uma esposa no século XIX, que de acordo com as proposições da narrativa tinha um casamento perfeito para os padrões da época:

Casada havia perto de quatro anos com o conde de Champvallon, homem de mais idade do que ela, fanático em política, e cortesão ambicioso, que preferia os cargos e mercês prazeres domésticos, Helena não encontrou no estado de casada mais do que o título de condessa, e o direito de ser tida com umas das mulheres mais elegantes de Paris. Nunca amará outrem senão seu marido. A carta que acabava de ler, tinha lançado em seu rosto a palidez da morte, e o despeito se manifestava nas palavras entrecortadas que proferia. (JORNAL DO PARÁ, 1867, edição, 123, p. 2).

A condessa descobre que a irmã teve uma vida com problemas financeiros, e se propõe a ajudá-la, no entanto, no decorrer da trama, a verdadeira Helena descobre que a irmã gêmea tem uma conduta vingativa e planeja tomar o lugar da condessa apenas por alguns dias:

---

<sup>7</sup> Classificação feita de acordo com a tabela compilada por Patrícia Carvalho Martins, Mestre em Estudos Literários pela Pós-Graduação em Letras, pela Universidade Federal do Pará.

–Pois bem, consinto, mas eis aqui as condições. Quero por espaço de oito dias ser condessa de Champvallon; quero ser por oito dias respeitada e estimada como vós o sois, e sereis sempre se eu não existisse para envenenar os dias da vossa existência. Aceitais, minha irmã, esta proposta? Findo os oito dias, juro-vos que hei de restituir-vos o vosso título, e cederei todos os meus planos de vingança contra vós, menos o ódio que vos tenho (JORNAL DO PARÁ, 1867, Edição, 129, p. 2).

Este era o plano inicial da irmã má, no entanto, a condessa não aceita a proposta da irmã, e a impostora tem uma ideia para usurpar o lugar da irmã:

Súbito lhe assoma a mente uma ideia filha do inferno, exulta, e seu furor lhe arranca um sorriso. Tira da algibeira um frasco, e primeiro que a misera Helena pudesse fugir, lança lhe sobre o rosto o líquido que continha esse frasco. Era vitríolo! (JORNAL DO PARÁ, 1867, Edição, 129, p. 3).

A usurpadora teve a ideia de desfigurar o rosto da verdadeira condessa para assumir seu lugar; com essa atitude a ambição e desvio de conduta são demonstrados, pois a personagem foi apresentada de forma perversa.

A imensidade de novelas que se tem publicado durante o século passado, e neste, a insipidez, inutilidade, e muitas depravações destas publicações, têm feito caracterizar essa sorte de composições, como uma leitura somente própria de espíritos frívolos, e como um emprego inútil, quando não seja de consequências funestas a moral do leitor. Não eram, porém nesta classe as novelas fundadas em princípio da verdadeira moral, e tendestes a inspirar no leitor as máximas da providência, e as regras de conduta (CORREIO BRAZILIENSE, 1812).

A possibilidade das publicações editadas no periódico paraense estarem relacionadas com as críticas feitas ao comportamento feminino no século XIX é bem exemplificada no fragmento que foi publicado pelo *Correio Braziliense*, assim, demonstramos as maneiras que a imprensa paraense utilizava para instruir e arrolar valores morais nos textos que o público leitor tinha contato. A instância moral tem o papel de edificar, didatizar, instruir e corrigir comportamentos, ideias, costumes, atitudes e situações histórico-sociais plasmadas ficcionalmente na obra com base no signo de valores.

Em razão disso, ficaria justificado o uso das ficções que apresentassem temática como a demonstrada na obra *Helena*, portanto, os valores burgueses da época levavam os autores e editores a investirem em temas que envolvessem a figura da mulher. Nesse sentido, a personagem feminina ocupou um papel importante como intercessora entre os

pontos divergentes que se construía em torno de um potencial de criação, ao mesmo tempo em que colidia com uma ânsia de pureza cada vez maior por parte da palavra escrita.

Quando tratamos da narrativa *Helena*, mais especificamente, observamos que embora o plano de vingança da irmã tenha dado certo, a conclusão do enredo demonstra a punição para a irmã impostora, quando junto ao corpo de Helena são descobertos documentos que comprovam que quem estava na mansão não era a verdadeira senhora de Champvallon. Tal acontecimento representa um traço de moralização, pois apesar da personagem Helena Guidon ter desfrutado por alguns anos do lugar da verdadeira condessa, a punição na prisão e depois a morte, demonstram a preocupação dos autores e dos editores no momento da inserção dos escritos no jornal, uma vez que estes impressos ficcionais deveriam ser apreendidos como exemplos de moral.

Vale mencionar, o que move a trama dessa narrativa não é a temática do amor proibido, a paixão ou as dores de amor. O que impulsiona a irmã é o sentimento de vingança, de inveja e de ódio que nutre pela consanguínea, e assim com perversidade, atira ácido na face da outra que, sem remorso ou compaixão, assume o papel da irmã na família.

A mulher surge, mais uma vez, como símbolo de medida dos valores burgueses de maneira a permitir que toda a trama nessa narrativa convirja para um grande reconhecimento de terreno dos valores que estão em jogo, e desse modo é impresso ação aos conteúdos que apresentam um discurso moralizante na narrativa ficcional analisada.

### **Considerações Finais**

Ao confrontarmos as duas narrativas, percebemos que apesar das temáticas diferenciadas há diálogo no que envolve a representação da figura feminina, modelo de um valor emergente, pois havia a tentativa de construção de valores pautados nos padrões europeus, e no que envolve o ideal civilizatório. Logo, a produção literária veiculada no *Jornal do Pará* apresentava uma tendência a moralizar o público leitor.

Ao jornal caberia o papel de estabelecer o universo de receptores, a partir daquilo que era vivenciado no cotidiano do povo brasileiro, como por exemplo, o modo de viver das sociedades, retratadas nas publicações em folhetim nos jornais na primeira metade do século XIX. Assim, o periódico paraense somava-se aos inúmeros impressos

brasileiros dos Oitocentos, que inspirados em modelos europeus, destinavam-se a entreter e instruir o público.

*A ponte dos Noivos* e *Helena* são narrativas portadoras de um caráter moralizador, pois apresentavam valores que levavam os leitores a identificar-se com determinadas situações de teor moralizante, e também demonstravam quais os comportamentos seriam adequados no convívio social.

O lugar da mulher no espaço social brasileiro no século XIX, como já referimos anteriormente, era determinado pelo patriarcalismo, deixando a elas poucas decisões. Por isso, a educação da mulher acompanhava o movimento da lógica estabelecida pelas convenções sociais, pois a mesma cumpria um papel de reproduzir o modelo estabelecido, educando as filhas como boas mães e esposas amáveis, adequadas ao sistema e também formadoras de futuros cidadãos.

Diante das exposições feitas neste trabalho, entendemos que o século XIX não foi benevolente com as mulheres, uma vez que, com a ascensão dos valores burgueses, era necessário que as transformações advindas da modernidade fossem confrontadas com o que era imposto pelos novos padrões sociais.

As leituras de narrativas ficcionais deviam seguir em consonância com os valores morais da época, mas como já referido, os editores do jornal tinham interesses financeiros, e para vender mais exemplares, os periódicos apresentavam em suas páginas histórias com temas como: ciúme, vingança, mortes trágicas. Posto isso, podemos confirmar que as narrativas que compunham as colunas do *Jornal do Pará* vinham carregadas de particularidades moralizantes em seu conteúdo.

## **Referências**

ABREU, Márcia. “Da maneira correta de ler: Leituras das belas letras no Brasil Colonial”. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto alegre: Nova Prova, 2007.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 3ed. São Paulo: Contexto. 2012.

DI'NCÃO, Maria Ângela. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Org. *Fontes Históricas*. 3ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma História*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

### **Fontes primárias**

Jornal do Pará

Correio Braziliense